XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

CAPOEIRA REGIONAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MESTRAS E FORMANDAS SOBRE SUA INSERÇÃO E ATUAÇÃO NO ENSINO DA LUTA NO RIO DE JANEIRO

Eliane Glória Reis da Silva Souza
Fabiano Pries Devide

RESUMO

A invisibilidade das capoeiristas no Rio de Janeiro despertou o interesse em se investigar sua importância na história das mulheres. No âmbito dos Estudos de Gênero, o objetivo geral desta pesquisa foi identificar as representações sociais das mestras e formandas de capoeira regional sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro. A pesquisa é qualitativa e documental. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, aplicada em um grupo constituído por dez mulheres, intituladas mestras e formandas de capoeira. A análise e interpretação dos dados foram realizadas a partir dos Estudos de Gênero com uso da Análise de Conteúdo e elementos-chave da Análise do Discurso, da Teoria das Representações Sociais e da Etnometodologia. Pode-se afirmar que as representações sociais das entrevistadas circunscrevem-se a partir de oito categorias circulantes em seu discurso. As representações sociais das mestras e formandas são constituídas por elementos que se interpenetram, tais como: resistência familiar, preconceito, racismo, conflito de papéis, e identidades de gênero. Conclui-se que o estudo identificou formas de exclusão das mulheres capoeiristas na prática e no ensino dessa luta onde elas iniciam a conquista paulatina de espaços de liderança, como mestras de capoeira.

Palavras-chave: *Representações sociais. Gênero. Mulheres. Capoeira.*

CAPOEIRA REGIONAL: SOCIAL REPRESENTATIONS OF WOMEN MASTERS AND WOMEN PROFESSORS IN RELATION TO THEIR PRESENCE AND ACTIONS IN THE TEACHING OF THIS FIGHT IN RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

The invisibility of women in capoeira in Rio de Janeiro sparked interest in investigating the importance of women's history in this area, one typically under strong male influence. Reflecting on gender studies the general objective of this thesis was to identify the social representations of high-ranking women professors, formandas and females masters – mestras - of capoeira regional in regards to their integration into and instruction received for the fight, in Rio de Janeiro. The research design was qualitative and with the use of documents. The instrument for data collection was a semi-structured interview method, using a group of 10 teaches. Analysis and interpretation of data was taken from gender studies using theoretical framework content analysis, key elements of Discourse Analysis, Social Representation Theory and Ethnomethodology. Analysis and interpretation of data presented by subjects

has been broken down into eight specific areas of focus. Results indicate that the social representation of mestras and formandas consists of intertwined elements. More specifically, family resistance, prejudice, racism, role conflict, and gender identities. We have concluded that the study identified elements of exclusion of women in the practice of capoeira and in teaching where women have begun to gradually conquer leadership roles.

Keywords: *Social representations. Gender. Women. Capoeira.*

CAPOEIRA REGIONAL DE MASTER DE REPRESENTACIÓN SOCIAL Y PERSONAL EN PRÁCTICAS EN EL RENDIMIENTO Y LA INTEGRACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA LUCHA EN RIO DE JANEIRO

RESUMEN

La invisibilidad de la capoeira en Río de Janeiro despertó el interés en la investigación de su importancia en la historia de las mujeres. En el marco del Estudios de Género, el objetivo de esta investigación fue identificar las representaciones sociales de maestras de la integración regional de la capoeira. La investigación es cualitativa y documental. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue la entrevista semiestructurada en un grupo formado por diez mujeres. El análisis y la interpretación de los datos se tomaron de los Estudios de Género con el uso de análisis de contenido y los elementos clave de análisis del discurso, Teoría de las Representaciones Sociales y de la Etnometodología. Se puede argumentar que las representaciones sociales de los encuestados se limitan a ocho categorías. Las representaciones sociales de las maestras consisten en elementos que se entrelazan, como la resistencia de la familia, los prejuicios, el racismo, conflicto de roles e identidades de género. Se concluye que el estudio identificó las formas de exclusión de las mujeres en la práctica de capoeira y la enseñanza de esa lucha en el que iniciar la conquista gradual de la dirección del espacio, como maestra de la capoeira.

Palabras clave: *representaciones sociales. Género. Las mujeres. Capoeira.*

INTRODUÇÃO

Historicamente, os elementos da cultura corporal do movimento, representados pelas lutas e alguns esportes, são interpretados como áreas de reserva masculina. As características que englobam algumas atividades da cultura corporal do movimento podem vir a sustentar a teoria de que práticas como a capoeira, o judô e o futebol podem ser consideradas de hegemonia masculina (DEVIDE, 2005). Portanto, quando se investiga a inserção das mulheres nessas áreas, a categoria de gênero torna-se relevante para interpretar as complexas relações que daí podem resultar.

Segundo Scott (1995), gênero é o termo utilizado para designar as relações sociais baseadas nas diferenças existentes entre os sexos, indicando as construções culturais e sociais de ideias sobre os papéis atribuídos aos homens e às mulheres a partir de relações de poder. Pode-se pensar gênero como uma organização da diferença social. Portanto, este conceito propõe o rompimento com o argumento da existência de uma essência masculina e feminina natural e imutável, além de relacionar-se com outras categorias, tais como: classe social, raça, religião, idade e orientação sexual, cujas reflexões auxiliam a entender as relações sociais entre os sexos como culturais, ancoradas nos corpos e moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (DEVIDE et al., 2010).

A identidade de gênero se constrói a partir da adoção de papéis que levam à socialização do indivíduo, permeada pelos aspectos culturais. Contudo, o fato de existirem papéis, indica que há imposição de condutas e comportamentos considerados adequados para homens e mulheres, não se reconhecendo as diversas formas de assumir a masculinidade e a feminilidade na atual estrutura social. O desafio é compreender gênero a partir da construção da identidade de sujeitos, pois estes são dotados de identidades em transformação; não permanentes ou cristalizados.

Os indivíduos se constroem como masculinos ou femininos, através das relações sociais, identificando-se com seus lugares, suas disposições, formas de ser e de estar no mundo. Estas construções são transitórias e articuladas com diferentes histórias pessoais, discursos, símbolos, representações, identidades e práticas sociais (LOURO, 2010).

Rompendo com os paradigmas impostos às mulheres, as décadas de 1970 e 1980 foram consideradas um período no qual elas começaram a redefinir, argumentar e questionar a sua participação e o seu papel na sociedade, buscando espaços sociais em igualdade com os homens, como sua presença no esporte (SOIHET, 1997). Essa influência dos ideais feministas foi vivenciada num momento de abertura política, com a participação popular, juntamente com o discurso norte-americano acerca da importância da manutenção da beleza e juventude do corpo, assim os músculos e a força física passaram a ser tolerados (LOUZADA DE; DEVIDE, 2006).

Scott (1995) explicita que o uso do termo gênero surgiu no movimento feminista norte-americano que, originariamente, visava estabelecer as distinções com fundamentos no sexo. Goellner (2005), ao tratar do movimento feminista no Brasil, e Dunning e Maguire (1997), no exterior, afirmam que ambos foram desencadeados de forma mais pragmática na virada do século XX e, as ações feministas não assumiram um formato de movimento de "bloco único", possuindo várias vertentes e fases.

Knijnik e Vasconcellos (2003) informam que a participação das mulheres em esportes e outras atividades nem sempre foi tolerada ou aceita, sofrendo interdições que as impediam de participar de competições, sob o argumento de que se poderia prejudicar a maternidade saudável, não sendo os esportes adequados à sua natureza frágil.

Atualmente, as mulheres participam ativamente de diversas atividades consideradas áreas de "reserva do macho" (DUNNING; MAGUIRE, 1997). Todavia, isto não significa que haja uma aceitação pacífica, sem barreiras ou discriminações, quando se inserem em áreas de reserva masculina, como esportes e lutas, tidas como tipicamente de homens, ficando evidenciada a necessidade de suplantá-las para se alcançar a igualdade (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003). Ao abordar as relações entre sexos no esporte, ratificando a supremacia do homem sobre a mulher, Dunning e Maguire (1997) afirmam que o esporte tende a representar um instrumento a mais de legitimação desta hegemonia, refletindo uma desigualdade de gênero. Todavia, as mulheres, paulatinamente, passaram a combater e a lutar contra este modelo patriarcal, através do movimento feminista. O envolvimento de mulheres em competições

esportivas em algumas modalidades ainda é recente se comparado aos homens, pois, por décadas, a prática de algumas atividades corporais, esportes e lutas eram considerados inapropriados do ponto de vista biológico e cultural. As mulheres eram consideradas "sexo frágil" e o discurso reiterava que alguns exercícios poderiam prejudicar os órgãos reprodutores, apregoando a necessidade de se preservar a maternidade (GOELLNER, 2008). O fato é que a feminilidade ideal era, e ainda é, de certa forma, construída com base na fragilidade, passividade, submissão, suavidade de gestos e discurso, graciosidade e beleza; o oposto da imagem que o esporte produzia e reproduzia: força, virilidade, competitividade, agressividade e dureza (DEVIDE, 2010).

No Brasil, atividades como o judô, o boxe, o rúgbi, o futebol e a capoeira foram consideradas práticas inapropriadas às mulheres, sendo desaconselhadas e proibidas; foram restringidas por lei à prática de esportes e lutas, sob o argumento da fragilidade e proteção à maternidade (SOUZA; KNIJNIK, 2003). A Lei n. 3.199/1941 proibia a prática de lutas por mulheres por entender ser incompatível com a sua natureza (BRASIL, 1941). Em 1965, a Deliberação n. 7 do Conselho Nacional de Desportos, proibiu a prática de qualquer modalidade de futebol, luta, pólo, halterofilismo e basebol (MOURÃO; SOUZA, 2007). Foram interdições que vigoraram de forma expressa de 1941 até 1975.

As mulheres que praticam modalidades como: judô, jiu-jítsu, capoeira, futebol, surfe, rúgbi, que se destacam como campeãs ou atingem graduações altas tendem a ser relegadas a uma condição de inferioridade ou de segunda classe. Pelo fato de serem comparadas aos homens, são tidas como inferiores, subjugadas, ou possuindo uma imagem que serve como objeto de desejo dos olhares (BRUHNS, 2000; GOELLNER, 2008).

Em especial, as lutas, foco desse estudo, são interpretadas como um "ritual de passagem" para a construção da masculinidade, transformando meninos em homens, pois o termo "luta" é polissêmico possuindo diversos sentidos, dentre eles o de ancorar a construção da identidade masculina, na qual "a vivência de práticas corporais de contato físico como o futebol e as lutas têm sido assim interpretadas" (DEVIDE, 2010, p. 4).

A sociedade fomenta diferenças entre homens e mulheres, principalmente, nas lutas, pois a virilidade, masculinidade e honra são elementos que constituem a identidade masculina que está associada a vencer limites, suportar a dor, as humilhações e até mesmo lesões provenientes de agressões como uma espécie de ritual de aceitação (RIAL, 1998).

Dentre as práticas corporais típicas de identidade masculina, temos a capoeira que, para fins de nosso estudo, é entendida como uma luta. Investigamos as mulheres intituladas pela comunidade capoeira como mestras e formandas, principalmente aquelas que conseguem se inserir e atuar no interior deste cenário generificado como masculino. Entre as décadas de 1980 e 1990, houve uma procura maior de mulheres pela prática de lutas, como a capoeira (BRUHNS, 2000; ALMEIDA, 2006; SOUZA, 2009).

A capoeira é uma modalidade de luta da cultura afro-brasileira e foi, recentemente, tombada como patrimônio cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (2008). Trata-se de uma manifestação popular que nasceu no Brasil como um símbolo da resistência do negro oprimido pelo processo escravagista (SOUZA, 2006; BRITO, 2007). Neste estudo, adota-se o termo luta por ser aquele que mais se aproxima do movimento inicial que o originou (IÓRIO; DARIDO, 2005), apesar das suas diversas nuances (jogo, brincadeira, dança ou ginástica). A capoeira é uma luta com cerca de 400 anos de domínio do homem; área de reserva masculina, cuja presença, inserção e atuação das mulheres podem ser consideradas como recente.

Quanto à sua prática, no início do século XIX, a história também apresentou interdições, pois foi proibida por ser uma contravenção penal, sendo mantida à margem da sociedade, tanto para a prática por homens quanto por mulheres. A literatura não apresenta consenso acerca do período de sua descriminalização. Corroboramos com Ferreira (2007) que afirmam que a capoeira foi efetivamente descriminalizada em 1941, com a promulgação do Decreto 3.688, pois este a retirou de forma expressa, do rol das contravenções penais.

A capoeira possui dois estilos clássicos: *regional* e *angola.* A capoeira *regional* foi criada por Manoel dos Reis Machado – Mestre Bimba, sendo um estilo voltado para a luta, com maior número de golpes e maior dinâmica. Enquanto a capoeira *angola* possui um estilo mais lento, com número reduzido de golpes sendo associada à origem da capoeira (ALMEIDA, 2006). Neste estudo adota-se o estilo de capoeira regional.

A capoeira foi e ainda é, uma área de reserva dos homens, cuja presença masculina é hegemônica. São quatro séculos de dominação masculina nesta luta. A sua prática está associada aos homens, por representar elementos que compõem a identidade masculina, tais como: a virilidade dos golpes, o biotipo dos lutadores, as ações de violência física e a agressividade; características da luta culturalmente associadas aos homens. Contudo, neste cenário de "domínio do macho", algumas mulheres marcaram presença. A literatura aponta nomes de mulheres pioneiras, como Maria Felipa de Oliveira (ABREU, 2005). A história também faz menção aos nomes de Maria Doze Homens, Salomé, Maria dos Anjos, Maria Homem, Maria do Camboatá, Chicão, Rosa Palmeirão, lendárias capoeiristas que fazem parte do imaginário popular nacional d@s capoeirist@s. Pode-se evidenciar, com base nos apelidos, que eles são codinomes – tradicionalmente utilizados nessa luta –, que algumas mulheres recebiam, principalmente as primeiras mulheres capoeiristas. São pejorativos, pois as estigmatizavam e rotulavam como masculinas (ALMEIDA, 1988; PIRES, 2004; ABREU, 2005; OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Alguns mestres de capoeira da Bahia que viveram no século passado, como: Bimba, Paulo dos Anjos, Canjiquinha e Pastinha, afirmavam em seus discursos que *"capoeira é para homem, menino, menina e mulher, só não aprende quem não quer"* (SANTOS, 2009, p. 81). Contudo, este discurso não está afinado com a prática social, pois nesse período as mulheres, de um modo geral, não faziam parte deste cenário. A presença feminina era ínfima se comparada à dos homens.

No Rio de Janeiro - RJ, a presença representativa das mulheres na capoeira ocorreu no início da década de 1980. Nesse momento, houve uma maior inserção feminina na capoeira e nas lutas em geral. No decorrer da trajetória na capoeira, elas vão desistindo, dificilmente chegando a atingir graduações mais altas e quando alcançam, a maternidade, a dupla jornada de trabalho e os atributos sociais associados à família impedem a frequência nos treinos, viagens, participação em eventos (SOUZA, 2010).

De acordo com Araújo (2009), pode-se afirmar que, atualmente, a aderência das mulheres à prática da capoeira é um fenômeno que ocorre no Brasil e em outras partes do mundo. Porém, estes números ainda apresentam um desequilíbrio se comparados à participação dos homens que praticam capoeira e obtêm a titulação de mestres.

Diante desta problemática apresentada, esta pesquisa tem como questão central, a seguinte pergunta: Quais as representações sociais das mestras e formandas de capoeira regional sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no RJ?

O *objetivo geral* foi identificar os elementos das representações sociais das mestras e formandas de capoeira regional que agem sobre sua inserção e atuação na orientação do ensino da capoeira no RJ. Como *Objetivos específicos*, visamos: 1) descrever a trajetória das mestras e das formandas no cenário da

capoeira regional no RJ; 2) investigar os mecanismos de aceitação e/ou resistência em relação à inserção destas mulheres no cenário da capoeira regional, no RJ; 3) descrever e investigar como as mestras e as formandas interpretam o processo de graduação para homens e mulheres, com vistas a atingir o título de mestre/a na capoeira regional; 4) refletir como se dá a relação entre as mestras e as formandas e os mestres no cenário da capoeira regional; 5) refletir como se dá a relação entre as mestras e formandas e seus alun@s.

O estudo *justifica-se* pelo fato de poder contribuir para os Estudos de Gênero que focalizam a inserção das mulheres em áreas de reserva masculina, uma vez que no Brasil ainda é recente essa produção sobre mulheres nas lutas, numa perspectiva dos estudos de gênero, em especial na capoeira. Assim, investigar as formas de exclusão das mulheres capoeiristas em permanecerem na prática e no ensino da luta é essencial para nosso estudo.

METODOLOGIA

A pesquisa possui *design* qualitativo, exploratório e documental (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007). A pesquisa qualitativa procura responder perguntas específicas, trabalha com uma gama de significados, atitudes, valores, sentidos e crenças. Normalmente, é desenvolvida no ambiente natural, sem interferência do pesquisador; possui dados descritivos, cabendo ao pesquisador aproveitar ao máximo as informações colhidas no campo.

O estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa em Humanos e Animais da Universidade Salgado de Oliveira (CEP) sendo aprovado para os procedimentos de coleta de dados.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Seu roteiro foi validado por cinco juízes doutores *experts* no assunto, conforme exigência da literatura, bem como, por quatro professoras e dois mestres de capoeira regional do RJ. Esse procedimento foi adotado por orientação dos professores doutores que validaram nosso roteiro, pois, eles argumentaram que seria interessante verificar se as perguntas suscitavam alguma dúvida ou estavam suficientemente claras.

O grupo de estudo da pesquisa foi constituído por 10 mulheres intituladas “mestras” e “formandas” de capoeira, especificamente do estilo capoeira regional, e que possuem reconhecimento na comunidade capoeirística, que estejam ministrando aulas para crianças ou adultos, no Estado do RJ, com no mínimo 20 anos de prática na luta, com titulação reconhecida pela comunidade e desenvolvendo trabalho na área.

A realização das entrevistas adotou o critério de indicação das informantes sobre as possíveis entrevistadas, que contou com a participação voluntária de seis mestras e quatro formandas de diversos grupos de capoeira do RJ, sendo que o número exato de entrevistadas foi atingido seguindo o critério de saturação no discurso para o término da coleta de dados (ALVES-MAZZOTTI, 2002). O local da entrevista foi escolhido e determinado pelas próprias mestras e formandas, tais como: escolas – da educação infantil ao ensino médio, creches, academias, salões, clubes e universidades. A capoeira é ensinada em diversos lugares e níveis socioeconômicos no RJ.

Para maximizar a confiabilidade dessa pesquisa, foi realizado um estudo piloto, que segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), promove um aperfeiçoamento do pesquisador e minimiza erros que

possam interferir nos resultados do estudo; esse contou com a participação de cinco instrutoras de capoeira, que voluntariamente autorizaram e concordaram com a entrevista.

A análise dos dados foi realizada a partir do uso dos referenciais teóricos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2008), de alguns elementos-chave da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978), da Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 2008), da Etnometodologia (GARFINKEL, 1994; COULON, 1995) e os Estudos de Gênero (SCOTT, 1995; DEVIDE, 2005; BUTLER, 2008; GOELLNER, 2008; LOURO, 2010).

RESULTADOS

Foram entrevistadas dez capoeiristas de diversos grupos de capoeira, cujas sedes estão situadas no Estado do RJ. A partir da observação de seus relatos buscou-se a comprovação por serem considerando dados relevantes para o trabalho. Todas elas possuem ou diplomas ou declarações expedidas por Federações ou pelos mestres fundadores dos grupos originários, atestando suas respectivas titulações. Além disso, possuem meios iconográficos – imagens fotográficas e eletrônicas – na web, postadas através das redes sociais de comunicação.

Destas dez mulheres, oito possuem formação universitária e duas tem ensino médio completo. Das universitárias, cinco são graduadas em Educação Física, uma delas possui pós-graduação *stricto sensu* e outras duas *lato sensu*; as demais possuem formação em Psicologia, Administração de Empresas e Psicopedagogia, com pós-graduação *lato senso.*

A faixa etária das informantes varia de 34 a 50 anos, com tempo de 20 a 33 anos como praticantes de capoeira. No que diz respeito à atuação como professoras na capoeira, a mais nova iniciou em 1996 (14 anos) e a mais antiga em 1981 (29 anos). Quanto à origem das entrevistadas, nove são naturais do RJ e uma de Minas Gerais. Com relação ao estado civil e número de filhos temos: cinco casadas – quatro têm cada uma, um filho; e uma tem três filhos –; uma divorciada, sem filho e quatro solteiras e sem filho.

Nesse estudo, adotou-se uma ficha de levantamento de dados que fez uso de uma classificação baseada em padrões heterossexuais que meramente descrevia o estado civil das participantes; essa foi utilizada com o intuito de identificar e discutir questões como: maternidade, família, casamento, dupla jornada de trabalho e relação dessas com a capoeira. Entretanto, para analisar nossas entrevistas, adotamos a perspectiva pós-estruturalista feminista, que entende haver diversos modelos de união e não somente aquele baseado na heterossexualidade compulsória, conforme esclarece Butler (2008), ficando evidenciado que as práticas sociais cotidianas de algumas delas, incluem novas formas de parcerias afetivas. Nesse sentido, das quatro solteiras, duas assumiram ter identidades sexuais homossexuais.

Para analisar e interpretar o discurso das informantes realizou-se a análise vertical das entrevistas, seguida pela análise horizontal conforme os critérios de Bardin (2008). A partir destas etapas, criamos a grade de categorias interpretadas com base nos Estudos de Gênero e em alguns elementos-chave da Análise do Discurso, das Representações Sociais e da Etnometodologia (Quadro 1).

Através da análise vertical, visualizamos as respostas a cada pergunta da entrevista; desses excertos fizemos um quadro sinótico para identificar as uniformidades e as singularidades no discurso das informantes, destacando as marcas discursivas principais. Em seguida, passamos à análise horizontal, na qual foram mapeadas as marcas que se repetiam no discurso do grupo, como características compartilhadas; entretanto, sem que fossem descartadas as características individuais das informantes,

como a sua trajetória, o pioneirismo entre outras. Após a análise e interpretação, construímos uma grade contendo oito categorias. Todavia, os dados foram avaliados a partir da variedade de elementos que se interpenetram dotados de complexidades, o que não nos permite identificar com clareza os seus limites. Os elementos das representações sociais que se interpenetram, são: *resistência familiar*, *preconceitos*, *racismo*, *conflito de papéis*, *gênero* e *figura masculina na inserção*, resultando em categorias que se relacionam entre si.

Quadro 1. Categorias

CATEGORIAS
Luta como um conceito polissêmico
Capoeira como uma área de reserva masculina
Titulação como "status" e pioneirismos
Desequilíbrio na graduação entre homens e mulheres
Recepção pel@s alun@s e Relação com @s mestr@s
Método de ensino e aspectos motivacionais para a prática da capoeira
Valorização das mestras pioneiras
Capoeira e conflito de papéis

Por ser considerada como uma área de reserva masculina, a capoeira deve ser interpretada como uma prática social comum tanto às mulheres quanto aos homens. Desta maneira, é importante que se reconheçam as trajetórias e conquistas dessas mulheres na capoeira a partir das diferentes realidades sociais, onde circulavam e circulam as representações sociais sobre essa atividade que possui íntima relação com a construção da identidade masculina, conforme narraram as informantes desse estudo.

Durante as entrevistas a palavra "luta" foi recorrente, assumindo múltiplos sentidos com uma carga polissêmica, sendo interpretada como uma modalidade da cultura corporal, ou seja, uma luta brasileira; com o sentido de luta contra o preconceito e o racismo; e como luta como área de reserva masculina.

No discurso analisado evidenciamos que a capoeira é uma luta dominada pelos homens desde a sua origem, sendo interpretada como uma área de reserva masculina. Poucas mulheres participaram ativamente da sua história. Atualmente, pode-se afirmar que há um grande número de mulheres capoeiristas, na fase inicial do aprendizado, mas ainda há uma desigualdade quanto ao número de praticantes que alcançam titulações mais altas, como mestras e professoras – quando comparadas aos homens –, constituindo diferentes realidades para ambos os sexos em razão de diversos fatores, dentre eles, a cultura patriarcal presente na nossa sociedade.

As informantes relatam em suas falas alguns mecanismos de aceitação e de resistência no tocante à inserção, à permanência e à ascensão na capoeira. Quanto à aceitação, citam a possibilidade de se inserirem na capoeira, de alcançarem graduações mais altas, fundarem e administrarem seus próprios grupos.

Contudo, apontam alguns mecanismos de resistência, tais como: diferença no momento de se graduar homens e mulheres, ficando essas muitas vezes preteridas em razão do sexo; hegemonia masculina nessa luta, com raízes culturais que diferenciam os homens e mulheres; infantilizações e ridicularizações, a fim de diminuí-las perante uma organização que às vezes se baseia num modelo

sexista; e a família e amig@s como um fator impeditivo à inserção e permanência das mulheres, pois encaram a capoeira ainda como área de reserva masculina e reproduzem comportamentos e atitudes que preestabelecem comportamentos distintos para homens e mulheres, inviabilizando a presença delas na capoeira.

No que diz respeito à titulação como *status* e pioneirismos, as informantes a interpretam como uma forma de reconhecimento pessoal e social, mencionam que estão inseridas no contexto da capoeira há muitos anos, e que vivem dessa prática. Além disso, muitas ressaltam, mediante um discurso autovalorativo, seus pioneirismos. Comentam que foram as primeiras mestras ou formandas no interior de seus respectivos grupos ou foram primeiras no RJ ou desenvolvem um trabalho diferenciado dentro da capoeira fluminense. Pode-se afirmar que seus nomes, apelidos ou codinomes estão registrados oficialmente na História das Mulheres na capoeira, pois quando falamos em titulações e pioneirismo dessas mulheres ainda estamos narrando uma história em construção.

Especificamente quanto à categoria associada ao desequilíbrio na graduação entre homens e mulheres, com vistas a atingir o título de mestr@ na capoeira regional, o discurso das informantes traz à tona a negação da existência de formas diferentes na graduação de homens e de mulheres. Porém, o discurso foi reconstruído ao longo da entrevista e as desigualdades e as diferenças emergiram em suas falas. Ao narrarem as diferenças nesse processo, as informantes tendem a preservar os seus respectivos mestres e os possíveis preconceitos existentes na hora de graduá-las, denotando que esse assunto seria um tabu. Para elas seus mestres "nunca" erram, tendo uma relação que visa protegê-los, pois eles são gurus, ídolos ou heróis. É como se eles fossem infalíveis. Todavia, uma nova perspectiva de graduar alunos e alunas, é narrada pelas informantes, pois desenvolveram modelos que não são baseados nos padrões impostos por seus mestres, nos modelos antigos de seus mestres. Passaram a trabalhar de outras formas, sem reproduzir mecanicamente aquele formato discriminatório. Elas evidenciaram situações de preconceitos e de discriminações, e sofreram com estereótipos. Foram situações que tentaram excluí-las do cenário da capoeira regional, no RJ. Contudo, sem sucesso, pois essas resistiram e permaneceram nesse universo.

Já na categoria recepção pel@s alun@s e a relação com os mestr@s no cenário da capoeira regional, houve algum tipo de resistência no início, principalmente dos alunos graduados que se mostraram contrários a ter aulas com mulheres. Atualmente, a maioria das entrevistadas possui seus próprios espaços para ministrar as aulas de capoeira onde ensinam para turmas mistas. Com o decorrer do tempo, permaneceram, resistiram e ocuparam esses espaços – antes exclusividade dos homens. Afirmam que a nova geração de alunos graduados não demonstra ter resistências quanto a ter aulas com mulheres.

Com relação à categoria método de ensino e aspectos motivacionais para a prática da capoeira, especialmente, quanto ao método de ensino, as informantes, em sua maioria adotam a metodologia de ensino que foram recomendadas pelos seus mestres. Apesar, de fazerem uso da metodologia de seus grupos, também usam os saberes adquiridos por suas vivências pessoais e profissionais ao longo de suas trajetórias. Contudo, a maioria delas tem formação universitária que utilizam para enriquecer as aulas práticas e teóricas; @s professor@s são propagadores de conhecimentos e podem se valer de diversas técnicas, formas e teorias que permitem uma melhor maneira de se transmitir os saberes dessa cultura.

Quanto aos aspectos motivacionais para a prática da capoeira, as informantes tendem a afirmar em seus discursos que as mulheres procuram a capoeira mais por uma questão de estética, manutenção de padrões de beleza, que exigem delas, corpos esculturais, sensuais, magros e belos, do que propriamente para ingressar numa luta. Também pela sua musicalidade, de parecer com uma dança, podendo não ser

considerada uma atividade tão "masculina", parecendo que a "cultura do corpo perfeito" seja um fator de busca da capoeira pelas mulheres, mas afastando-se da concepção de corporeidade onde corpo deve ser dotado de criticidade, não se distanciando das suas relações e significações.

Já quanto à relação com @s mestr@s as respostas foram unânimes, confirmando que a mesma é baseada no respeito e nas regras da boa convivência. Entendemos que o termo "respeito" poderia ser interpretado como sendo o objeto de desejo de todas as capoeiristas, o que faz acirrar uma luta pelo poder, pois ao desejarem respeito parece que esse lhes é negado, e segundo as feministas pós-estruturalistas parece existir uma situação conflituosa entre os homens e as mulheres, e essas relações sofrem constantemente impasses e negociações. São as manobras de poder, onde as mulheres podem restar submissas em razão das práticas sociais cotidianas. Contudo, parece que elas resistem e não as anulam como sujeitos funcionando como um exercício diário do poder.

A categoria "valorização das mestras pioneiras" marcou os discursos das informantes, pois tiveram destaque em algum ponto de suas falas, seja no interior de seus grupos ou para a própria capoeira do RJ. Elas registraram os nomes daquelas mestras que abriram as "portas" para as novas gerações, como as Mestras, Sueli Cota e Rosangela Ruffato. Contudo, notamos que apenas uma das entrevistadas soube nos falar sobre as primeiras capoeiristas do passado remoto. Ficando registrado que a maioria desconhecia a História das mulheres capoeiristas refletindo a invisibilidade das mulheres nesta luta e o desconhecimento acerca da história dessas pioneiras.

No tocante à categoria capoeira e conflito de papéis impostos pela luta e pela sociedade em geral, as informantes enumeraram diversos fatores que contribuem para que haja conflitos, tais como: a maternidade, a família e o próprio fato de serem mulheres. Relataram que esses desequilíbrios se dão em razão da dupla jornada de trabalho e dos atributos sociais associados à família, não restando tempo para treinos, viagens e participação em eventos. Além disso, quando chegam à condição de mestras, não têm o mesmo reconhecimento que os homens. Em suas falas circulam diversas vozes, que caracterizam o discurso polifônico, tais como: mulher, mãe, filha, dona de casa, profissional em outras atividades, mestra e formanda.

É preciso que se realizem debates para promover uma reflexão crítica acerca das relações de gênero e as mulheres na capoeira, onde se dê mais espaço para as discussões acadêmicas, superando os discursos circulantes na sociedade, ainda repletos de preconceitos, que ancoram práticas discriminatórias, resultantes do desconhecimento e da falta de informação, especialmente quando abordam a temática das mulheres em área de reserva masculina, das identidades de gênero e as mestras e formandas de capoeira.

As mestras e formandas de capoeira estão construindo um novo contexto cultural que rompe com os papéis socialmente impostos a elas pela sociedade patriarcal que as associam à graciosidade, à beleza estética e à fragilidade, criando entraves para a inserção, permanência e atuação na capoeira, a partir de argumentos baseados no padrão de uma feminilidade hegemônica.

É preciso reescrever a História das mulheres na capoeira e situá-las como objeto central dos estudos. É crucial descrever e refletir sobre suas trajetórias, redefinindo conceitos acerca da luta da capoeira numa perspectiva feminina; assumindo o gênero como uma categoria central de estudos sobre as mulheres capoeiristas, com base numa abordagem relacional entre os sexos.

Podemos afirmar que são inúmeras e complexas as representações sociais das mestras e formandas de capoeira regional sobre sua inserção e atuação no ensino da luta no Rio de Janeiro, conforme demonstramos em nossa pesquisa. Em seus discursos circulantes, as informantes ancoravam seus pensamentos e desejos que, notadamente, possuíam assento com a prática social cotidiana delas.

Essas revelaram e retrataram a realidade do Rio, de ontem e de hoje, no que tange à presença das mulheres na capoeira fluminense. Em suas falas percebem-se algumas situações, comportamentos e atitudes que fazem parte do seu dia-a-dia que são preconceituosas e discriminatórias que as excluem do cenário da comunidade capoeirística, demonstrando a necessidade de se "lutar" e se "gingar" contra esses valores patriarcais ainda tão enraizados em nossa cultura, refletindo a necessidade de se repensar novas maneiras de se buscar a igualdade entre as pessoas sem distinções de raça/etnia, sexo e classe social.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa constitui-se na síntese provisória que oferecemos à academia e à comunidade da capoeira, sobretudo às mestras e formandas de capoeira do RJ. A peculiaridade deste estudo – em relação aos demais produzidos sobre as mulheres na capoeira – consiste na abordagem do objeto de nossa investigação, que procurou contribuir para os Estudos de Gênero que focalizam a inserção das mulheres em áreas de reserva masculina. Em nosso País, ainda é recente a produção de estudos sobre as mulheres nas lutas, em especial na capoeira numa perspectiva de gênero.

Os resultados deste estudo contribuíram para identificar as barreiras culturais relacionadas às questões de gênero, que interferem na inserção, permanência e ascensão das mulheres na prática e no ensino da capoeira regional. Assim, investigar as formas de exclusão das mulheres capoeiristas na prática e no ensino da luta foi crucial para nosso estudo, pois apesar de a capoeira ser hegemonicamente masculina, recentemente, as mulheres passaram a ocupar espaços de liderança como mestras.

A capoeira pertence a todas as pessoas; como elemento da cultura corporal é uma prática construída historicamente pela humanidade, devendo ser praticada por mulheres e homens sem barreiras culturais que impeçam a participação e a permanência das pessoas na sua prática ou no seu ensino.

Nesse sentido, apontamos para a necessidade de se encarar com olhar crítico a atribuição de papéis sexuais que estabelecem comportamentos específicos tanto para homens quanto para mulheres; que apontam quais atividades são recomendadas a cada sexo e, ainda, para as posturas sexistas que criam e propagam as desigualdades de gênero.

De acordo com nossa experiência, pode-se dizer que é crescente o número de mulheres ministrando aulas de capoeira no Brasil e no exterior; de quase todas as regiões do Brasil, principalmente do sudeste e nordeste. Conta-se, atualmente, com a presença de várias professoras e graduadas estrangeiras ensinando capoeira e outros elementos da cultura popular brasileira no exterior (maculelê, samba de roda, jongo e puxada de rede). No Estado do RJ, especialmente, temos as mestras e as formandas de capoeira consideradas pioneiras nesta luta e conhecer este universo permite-nos vislumbrar a capoeira como um meio de sua emancipação e que, em seu cotidiano, vem modificando papéis sociais tradicionais, que estão sendo repetidamente transgredidos.

Sugere-se que outros estudos investiguem as conquistas de mulheres capoeiristas que atuaram no passado e foram responsáveis pelos primórdios da História das Mulheres na capoeira no Brasil, contribuindo para a emancipação das mulheres no esporte e na sociedade brasileira com vistas a permitir que as futuras gerações convivam em uma sociedade equalizada em termos de relações de gênero. Da mesma forma faz-se necessário que outros aspectos de ordem cultural, política, econômica, histórica e social, pouco investigados, possam ter relação com a participação das mulheres na capoeira, devendo ser

investigados em estudos futuros, com vistas ao aumento da participação dessas mulheres nesse universo generificado como masculino.

REFERÊNCIAS

ABREU, F. J. *Capoeiras, Bahia, século XIX*: imaginário e documentação. Salvador: Vogal, 2005.

ALMEIDA, R. C. ***Mestre Atenilo*** – o "Relâmpago" da Capoeira Regional – Depoimento. Salvador: UFBA, 1988.

_____. *The saga of master Bimba*. USA: ISBS, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O Planejamento de Pesquisa Qualitativa. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. (Org.). *O Método nas ciências naturais e sociais.* 2. ed. São Paulo: Thompson, 2002. p. 147-178.

ARAÚJO, R. C. A Mulher traz para a roda o seu próprio universo. In: ABREU, F. ; CASTRO, M. B. *Capoeira* – Encontros e capoeira. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p.198-205.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo***.** Lisboa: Edições 70, 2008.

BRASIL. Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o País. Disponível em:<http://www.senadofederal.gov.br>. *Acesso em: 26 fev. 2010.*

BRITO E. P. *No caminho da malícia*. Goiânia: Editora Grafset, 2007.

BRUHNS, H. T. *Futebol, carnaval e capoeira* – entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papirus, 2000.

BUTLER, J. *Problemas de gênero* – Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COULON, A. *Etnometodologia.* Petrópolis: Vozes, 1995.

DEVIDE, F. P. et al. Exclusão intrassexo em turmas femininas na Educação Física escolar: quando a diferença ultrapassa a questão de gênero. In: KNIJNIK, J. D.; ZUZZI, R. P. *Meninas e meninos na Educação Física*: Gênero e corporeidade no século XXI. São Paulo: Fontoura, 2010. p. 87-105.

DEVIDE, F. P. *Gênero e mulheres no esporte* – história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí, RGS: Editora UNIJUI, 2005.

_____. História das Mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). *O Mundo psicossocial da mulher no esporte* – comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 331-358.

_____. Luta: um ritual na construção da masculinidade. (08/set/2010). Disponível em:<http://fabianodevide.blogspot.com/>. Acesso em: 5 out. 2010.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. *Revista Estudos Feministas,* Santa Catarina, ano 5, n. 2, 2º. semestre, p.321-349, 1997.

FERREIRA, I. *A Capoeira no Rio de Janeiro 1890-1950*. Rio de Janeiro: Novas Idéias, 2007.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1994.

GOELLNER, S. V. Gênero. In: Gonzales. F. J.; Fensterseiter, P. E. (Org.) *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: UNJUÍ, 2005. p. 207-209.

_____. A Produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.) *Corpo, gênero e sexualidade* – um debate contemporâneo na educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 28-40.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL- IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=13983&sigla=Noticia&retorno =detalheNoticia/>. Acesso em: 25 ago. 2008.

IÓRIO, l. S.; DARIDO, S. C. Capoeira. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, A. I. C. *Educação Física na escola* - Implicações para a Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 262-286.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimentos: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J. R. *Com a cabeça na ponta da chuteira, ensaios sobre a psicologia do esporte.* São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003. p.1-14.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOUZADA DE, M. J.; DEVIDE, F. P. Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. *Movimento,* Porto Alegre, v.12, n. 3, p.123-140, set./nov., 2006.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes e Unicamp, 1997.

MOSCOVICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURÃO, L.; SOUZA, G. C. Narrativas sobre o sul-americano de Judô de 1979: a legalização do judô feminino no Brasil. In: GOELLNER, S. V; JAEGER, A. A. (Orgs.). *Garimpando memórias*: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p.103-118.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. *Capoeira, identidade e gênero* – ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

PIRES, A. L. C. S**. *A capoeira na Bahia de Todos os Santos* –** Um estudo sobre a cultura e classes trabalhadoras (1890 – 1937**).** Tocantins: Fundação Universidade Federal do Tocantins (Grafset Editora ltda) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, 2004.

REGO, W. *Capoeira Angola* – Ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã - Coleção Baiana, 1968.

RIAL, C. S. Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. (Orgs.). *Masculino feminino plural*. Florianópolis: Mulheres, 1998. p. 229-258.

SANTOS, J. O. O Verdadeiro capoeirista não bate no camarada. In: ABREU, F. J.; CASTRO, M. B. *Capoeira* – Encontros e capoeira. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 75-81.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez, 1995.

SOARES, C. E. L. *A negregada instituição* – Os capoeiras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Coleção Carioca, 1994.

SOIHET, R. História das mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

SOUZA, E. G. R. S. Capoeira: sua História e as Relações de Gênero. *ANPUH- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA.* XVI Encontro Regional de História no Rio de Janeiro, julho, 2010.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. Duas semanas de cobertura esportiva da Folha de São Paulo analisadas sob a ótica de gênero. In: *XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO,* Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de set., p.1-12, 2003.

SOUZA, P.C.S. *Capoeira – técnicas básicas*. France: Lês Éditions I-Prods, 2006.

THOMAS, J. R.; NELSON, J.; SILVERMAN, S. J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. São Paulo: Artmed, 2007.

Endereço: Rua dos Golfinhos, 39. Tibau – Piratininga CEP 24.358-320 Niterói/RJ
E-mail: elianereis2002@hotmail.com
Recurso: Datashow